

Paulo Freire:

Um gosto pela liberdade

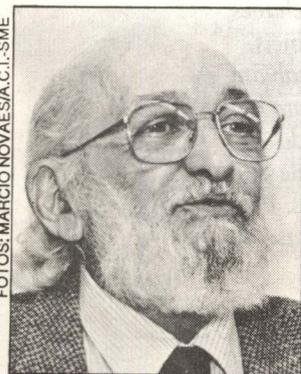
Jeter Gomes e Waldeli P. Melleiro

Os quinze anos passados no frio do exílio não foram suficientes para abalar a disposição de luta do educador Paulo Freire, pernambucano de 69 anos. Ele foi preso em 1964 sob a acusação de "subversivo e arrogante", e durante o exílio esteve em diversos países da América Latina, Europa e África, voltando ao Brasil em 1979 com a anistia.

É autor de uma vasta bibliografia sobre educação e pedagogia, e atualmente é secretário municipal de Educação em São Paulo. Criador do método de alfabetização de adultos que leva o seu nome, Paulo Freire se mantém com convicção no ideal que norteou toda a sua vida: o sonho pela liberdade.

Forma & Conteúdo - *Alguns estudiosos da sua obra costumam dividi-la em dois momentos: antes e depois da publicação da Pedagogia do Oprimido. O senhor concorda com essa divisão? Quais as mudanças significativas entre um e outro momento?*

Paulo Freire - Qualquer um de nós que produza algo e que com alegria continue no mundo por um tempo longo está sujeito a um tipo de análise em que se busque descobrir se esse "qualquer" um de nós continua sendo o que foi no começo ou se na trajetória mudou demais, passou a ser outro, etc. Eu concordo que haja um aprofundamento radical de posições a partir de *Pedagogia do Oprimido*, porém acho que há um certo caminho que venho trilhando desde o começo. Há uma certa coerência como, por exemplo, um certo gosto e uma certa amorosidade pela liberdade; um indiscutível respeito às diferenças; um profundo respeito à identidade cultural do educando e à cultura popular. Esses pontos me acompanham e motivam desde o começo. Um outro ponto sempre presente é o papel criador que eu defendo e exijo por parte do educando, e não apenas por parte do educador, o que vale dizer uma compreensão crítica e o entendimento de que o ato de ensinar e o ato de aprender fazem parte, como momentos dinâmicos e contraditórios, do próprio processo de conhecer. Outro ponto que também me acompanha o tempo todo é a importância que eu atribuo à somatória das experiências individuais e sociais que o educando tem, e em que se constitui o seu saber de senso comum, que para mim é o ponto de



FOTOS: MÁRCIO NOVAES/A.C.I.-SME

Sou um homem em processo: somos projetos históricos

partida da prática educativa numa dimensão libertadora. Esses pontos vêm me acompanhando nessa trajetória toda.

F&C - O senhor acha então que Pedagogia do Oprimido radicaliza e dá um corpo teórico mais consistente para esse gosto pela liberdade?

PF - Exatamente. Eu diria até que a *Pedagogia do Oprimido* é o momento em que se estabelece uma fronteira entre uma certa ingenuidade anterior e uma compreensão mais crítica da prática educativa do ponto de vista, por exemplo, da natureza política da prática educativa. Antes disso eu não cheguei a falar em política, e portanto em poder, discutindo a educação. Já na *Pedagogia do Oprimido* se situa claramente essa fronteira. Para mim isso tem dois significados. A *Pedagogia do Oprimido* foi escrita durante o exílio no Chile, quando eu tomava distância do Brasil para entendê-lo melhor. Por outro lado, eu estava sendo desafiado por um contexto cultural e político diferente, com uma presença popular forte e muito bem organizada. Eu cheguei ao Chile com a posse do governo da Democracia Cristã, e encontrei uma atmosfera de revolução. Havia uma ingenuidade indiscutível com relação à tomada de poder pela Democracia Cristã como se ela fosse um terceiro caminho, a saída para uma democracia social, etc. Mas essa sociedade que encontrei, radical, em protesto, uma massa popular ativa e crítica, me colocou um desafio e uma possibilidade de aprendizagem enorme. Revendo a minha posição anterior, do que eu tinha experimentado como geração e individualmente, não era difícil que eu tivesse alcançado uma radicalidade como na *Pedagogia do Oprimido*. Acredito que esses pontos a que me referi são marcantes para mostrar o acerto dessa análise que estou fazendo. E talvez até, com pouca humildade, eu te diga que estou muito contente com a minha própria caminhada. Eu jamais diria que eu me acho um sujeito completo, porque isso seria a derrubada da própria compreensão que eu tenho de processo. Eu sou um homem em processo, todos nós somos projetos históricos.

F&C - Em função do atual momento que vivemos, o senhor acha que Pedagogia do Oprimido continua atual? O senhor mudaria alguma coisa?

PF - De novo, também sem humildade, eu talvez possa te dizer que a *Pedagogia do Oprimido* é mais atual do que quando saiu. Ela foi publicada pela primeira vez em setembro de 1970, nos Estados Unidos, e hoje está em deztoito línguas, com as quais ela cobre o mundo indiscutivelmente. Ela faz um abraço mundial. A mais recente edição de *Pedagogia do Oprimido* traz impresso na capa o seguinte: "mais de 300 mil cópias vendidas". Só nos Estados Unidos! A impressão que eu tenho é que esse livro deve ter ultrapassado um milhão de cópias. Se você calcula que quatro pessoas lêem um exemplar, você tem quatro milhões de gente no mundo que entraram em contato comigo através do livro. Assim, a *Pedagogia do Oprimido* me parece mais ou tão atual quanto antes. Ao falar agora pensando nessa atualidade do livro, eu começaria citando uma jornalista alemã que me entrevistou há dois meses na Itália, onde participei de um congresso internacional sobre a criança. Ela me disse: "professor, eu reli agora três vezes, uma atrás da outra, a *Pedagogia do Oprimido* e entendi melhor o que se passa no Leste. Olhe, eu não tenho dúvida nenhuma de que a *Pedagogia do Oprimido* tem muito mais a ver com isso tudo do que antes". Então veja, não é coincidência que eu tenha conversado também com professores soviéticos, um inclusive da Academia de Ciências de Moscou, e que me digam da satisfação que têm de conversar comigo porque no momento estão podendo me estudar. E mais do que estudar, estão podendo me discutir e aplicar. Eu jamais reduziria todo esse momento histórico de que a gente participa, direta ou indiretamente, ao que eu vou dizer, mas acho que estamos vivendo neste fim de século, entre um mundo de coisas, uma espécie de ode à liberdade. A ode à liberdade, às vezes, sai salpicada de briga pela mudança infra-estrutural. Mas essa canção, esse poema, essa lambada da liberdade tá batendo em tudo! No mundo todo! Seduzindo o mundo! A questão que se coloca é exatamente a compreensão



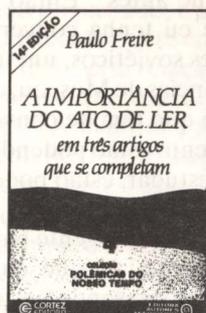
A força da educação está na sua fraqueza

amorosa dessa lambada da felicidade e da liberdade. Até mesmo num país como o nosso, que tem um gosto danado pelo autoritarismo e uma cultura marcada pela tradição autoritária, nós vemos esse fascínio pela liberdade. Nós brasileiros tomamos o gosto da liberdade. Mas nesse tomar gosto pela liberdade nós temos “n” ambiguidades: confundimos autoridade com autoritarismo, liberdade com licenciosidade, democracia com democratismo, somos, às vezes, equivocadamente basistas, somos espontaneístas também. Há toda uma confusão que precisa ser esclarecida, mas há indiscutivelmente no cerne disso tudo esse gosto da liberdade, que eu acho está metida nessa mudança inteira que o Leste está sofrendo. É isso que eu acho que a gente está vivendo. E veja bem, se isso é verdade, a *Pedagogia do Oprimido* está molhada disso, está ensopada desse gosto da liberdade. E o gosto da liberdade está totalmente referido sempre no respeito às classes trabalhadoras, às massas populares. Nesse sentido é que eu acho que o livro está sendo cada vez mais atual. E isso não me faz vaidoso. Pelo contrário, me faz responsável e me perguntar sobre a necessidade que eu tenho de estar à altura de não trair esses princípios.

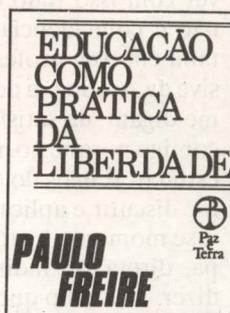
F&C - *Nessa luta pela liberdade, a Pedagogia do Oprimido é um elemento “subversivo”?*

PF - Eu acho que ela pode ser mais do que subversiva, pode ter um papel revolucionário até. Sendo revolucionária, ela é subversiva. Ela ultrapassa determinadas manifestações que ficam no meio do caminho, porque pretende ir mais adiante, numa postura mais radical de mudança. Porém, de maneira nenhuma a *Pedagogia do Oprimido*, enquanto livro, jamais se arvorou de poder fazer um discurso sobre a prática educativa que fosse absoluto. Ela jamais absolutizou a prática educativa. Eu acho que a *Pedagogia do Oprimido*, mesmo quando até nem fale disso, é muito clara com relação aos limites da própria pedagogia. No fundo, nós sabemos que a força da educação reside exatamente na sua fraqueza. Ela é forte porque é limitada. Se ela pudesse tudo, não havia porque sequer falar da transformação na qual ela se soma; se ela não pudesse nada, também não havia porque falar. Só é possível falar nos limites da educação, portanto do sonho que ela poderia ajudar, exatamente porque ela não pode tudo mas pode alguma coisa. A questão nossa de educadoras e educadores progressistas é saber o que é que pode ser feito, histori-

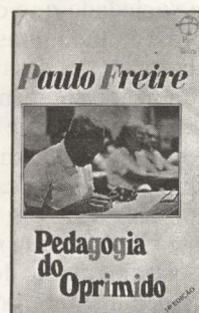
Algumas das principais obras de Paulo Freire



- **A importância do ato de ler, em três artigos que se completam.**
14ª edição, São Paulo, Ed. Cortez e Autores Associados, 1986.



- **Educação como prática da liberdade**
10ª edição, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1980.



- **Pedagogia do oprimido**
13ª edição, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1983.



- **Pedagogia: diálogo e conflito**
(com Sérgio Guimaraes e Moacir Gadotti)
São Paulo, Editora Cortez e Autores Associados, 1985.



Não existe pedagogia sem conteúdo

camente, e até onde, e lutar para tornar possível o que não pode ser feito.

F&C - Apesar de ter um papel importante, a pedagogia não substitui as ações sociais do homem na transformação...

PF - De forma nenhuma. Ela deve fazer parte dessas ações. As outras ações são também pedagógicas e educativas, mas não são a educação. E essa clareza política deve existir.

F&C - Existe uma aparente contradição, onde a educação é um instrumento de liberdade, mas é também um instrumento de dominação. Como o senhor explicaria isso?

*PF - Vai depender do educador ou educadora e da coerência que ele ou ela tenha com a sua opção. Vamos clarear isso: se a tua opção, por exemplo, é de luta pela liberdade (de fazer, de dizer, de comer, de vestir, de sonhar, de fazer poesia), se a tua opção é pela superação das injustiças que envolvem a superação de todo o tipo de preconceito (de classe, de sexo, de cultura, de raça), se a tua opção, afinal de contas, é progressista, tu não apenas precisas estar mais claro com relação a esta opção que tem necessariamente sonhos que devem ser concretizados, mas tu tens de ser coerente na tua prática com relação a esta opção. A opção sozinha nunca vale. Ela é fundamental mas não é suficiente, porque além da opção é preciso ter uma prática coerente e condizente com ela. Por isso, toda vez que falo da necessidade que o educador tem em estar claro com relação à opção, estou imediatamente advertido de que esta clareza com relação à opção envolve a coerência como virtude, como qualidade *sine qua non* para que a opção seja clara. Uma opção que não tenha correspondência na prática é assassinada pelo próprio optador, pela própria pessoa que opta. Um exemplo concreto: eu opto por uma sociedade menos injusta, em que a classe trabalhadora tenha o direito de participar da produção do saber, da cultura, da alegria de viver e tenho uma prática estritamente elitista, em que é a liderança que sabe, a vanguarda, cerceadora do crescimento mesmo das massas em que eu não acredito. Eu falo-delas*

no meu discurso, mas na prática eu as nego. Essa incoerência rompe com a opção. Um outro exemplo contrário seria: eu opto por uma sociedade mais livre, pelo direito que as massas tenham de participar, mas ao mesmo tempo eu situo todas as virtudes apenas nas bases, e sou um basista ortodoxo. Para mim, o basismo é um desvio ideológico da concepção progressista da história. Ele é uma traição à opção da liberdade, porque o basismo traz emprenhado nele o desrespeito à unidade dialética entre prática e teoria. Dizer que o saber está apenas nas bases não é verdadeiro cientificamente. As bases têm um saber de experiência e é preciso que esse saber seja promovido criticamente a um saber testado pelos limites do próprio processo de saber, ou seja, por uma certa rigorosidade no achado de todo o conhecimento do real e do concreto. Negar a necessidade fundamental da teoria que passa a ser ridicularizada como academismo é uma contradição com a opção da liberdade. É evidente que ninguém pode jamais alcançar um nível de absoluta coerência. Ninguém! Cada um de nós pratica a sua "incoerênciazinha", agora o que não é possível é ultrapassar o limite razoável da incoerência.

F&C - O nome desta revista, não por acaso, é Forma & Conteúdo. Sobre esta questão há todo um debate hoje entre os chamados "conteudistas" e os "metodologistas". Como o senhor observa este debate e como se posiciona diante do mesmo?

PF - Não é possível dicotomizar uma coisa da outra, como não é possível dicotomizar prática e teoria, sujeito e objeto, método e objetivo. Ao fazer essas dicotomias você cai em absurdos também, como, por exemplo, a incoerência de, trabalhando para objetivos de liberdade, usar métodos autoritários, como se um não tivesse a ver com o outro. O que me preocupa na questão dos métodos é, em primeiro lugar, defender a existência necessária deles. O professor e grande filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto, às vezes injustamente criticado, dizia que a consciência humana é, em si, metódica; ela é em si método, e se dirige metodicamente no processo de apreender o objeto. Não



A ciência não se contrói fora da história

se pode negar, nas formas de comportamento do ser humano no mundo, a existência do método no próprio caminhar. Afinal de contas, não é possível buscar compreender um objeto se você não tem uma certa forma de se aproximar ou de tomar distância deste objeto: isso é método. Porém isso não pode ser separado dos objetivos que temos e que nos fazem conhecer esse objeto. Eu tomo um certo momento da sociedade brasileira como objeto da minha análise e da minha curiosidade porque tenho o objetivo de, conhecendo melhor como a sociedade funciona hoje, trabalhar com relação ao meu sonho. Eu preciso ter um conhecimento mais ou menos objetivizado da realidade, o que faço através de métodos, para que eu possa ter uma prática coerente com esse momento histórico e que me leve ao objetivo que é o sonho. Na prática pedagógica você precisa de métodos, de técnicas, de processos: tudo isso faz parte. A prática educativa implica a existência de um sujeito ensinante e de um sujeito aprendiz, que é o educando: implica um objeto a ser aprendido e ensinado, e portanto conhecido e reconhecido, que é o conteúdo. Na história do mundo não houve nenhuma pedagogia sem conteúdo, justamente porque a prática educativa é cognitiva, gira em torno de um certo objeto e há métodos, processos e técnicas que servem ao cumprimento da tarefa de ensinar e aprender por parte dos sujeitos. Para mim, os métodos se criam e recriam nessa prática entre o educador e o educando. Os métodos e as técnicas, tudo isso se refaz e se faz cotidianamente na relação com o educando, mediatizada pelo objeto que é o conteúdo.

F&C - Nessa busca de coerência entre Teoria e Prática, os trabalhadores vêm construindo alguns instrumentos próprios de educação, que não são aqueles herdados das estruturas oficiais. Como o senhor vê isso?

PF - Eu vejo isso batendo palmas. Eu só ficaria triste se a CUT, ao procurar criar novos instrumentos para a formação de seus quadros,

*estivesse envolvendo essa busca em certas mitologias basistas, como, por exemplo: "vamos esquecer o que certos intelectuais progressistas têm feito, porque isso é gente da academia e a academia já era; vamos nós inventar aqui". Isso eu não aceitaria e criticaria, porque seria basismo e não levaria a CUT a nenhum lugar. A ciência não se constrói fora da história. Em outras palavras, a ciência não é um *a priori* da história, o que vale dizer que ela se dá e se constitui na história. Por isso mesmo é que a ciência passa pela ingenuidade. A rigorosidade do procedimento científico passa pela ingenuidade com estágio anterior da rigorosidade. Esta não aparece de repente, mas se constitui historicamente. Por isso é que se pode dizer que a ciência tem historicidade. E o que é ter historicidade? É viver permanentemente molhada de processos: é não ser, porque só pode ser se estiver sendo. O saber científico é processo. O que se sabe hoje sobre o mundo e sobre o cosmos não é necessariamente o que se soube há 30 anos e não é o que se vai saber daqui a 5 anos. Há um processo permanente de reconhecer e de criar o conhecimento que não existe ainda. É este devir, este estar sendo e não ser que caracteriza o que chamamos de historicidade do conhecimento. Ora, isso significa então que o conhecer é uma continuidade, como há uma continuidade histórica. Se a CUT hoje resolvesse por decreto romper com tudo o que se fez antes dela e que se continua fazendo fora dela, seria isso o testemunho de uma imensa incompetência científica que estragaria o trabalho político da CUT. O que a CUT tem que fazer é o seguinte: "olha, eu reconheço a continuidade da história, a historicidade do saber científico, mas reconheço também que nós temos condições de buscar". Ah, isso sim! E essa me parece a forma de estar sendo da CUT, e que me faz um enorme admirador dela, um educador-educando dela.*

